

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Curso de Graduação em Antropologia**

HUGO FRAGA BEUST

**DO BRASIL A MECA: PREPARATIVOS PARA O HAJJ ENTRE
MUÇULMANOS NO RIO DE JANEIRO**

Niterói

2017

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Curso de Graduação em Antropologia**

HUGO FRAGA BEUST

**DO BRASIL A MECA: PREPARATIVOS PARA O HAJJ ENTRE
MUÇULMANOS NO RIO DE JANEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Gisele Fonseca Chagas

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B568 Beust, Hugo Fraga.

Do Brasil a Meca : preparativos para o Hajj entre muçulmanos no Rio de Janeiro / Hugo Fraga beust. – 2017.

45 f. : il.

Orientadora: Gisele Fonseca Chagas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Fluminense. Departamento de Antropologia, 2017.

Bibliografia: f. 37.

1. Islamismo. 2. Brasil. 3. Muçulmano. 4. Peregrinação a Meca. I. Chagas, Gisele Fonseca. II. Universidade Federal Fluminense. Departamento de Antropologia. III. Título.

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Curso de Graduação em Antropologia**

HUGO FRAGA BEUST

**DO BRASIL A MECA: PREPARATIVOS PARA O HAJJ ENTRE
MUÇULMANOS NO RIO DE JANEIRO**

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Dr.^a. Gisele Fonseca Chagas
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof.^a Dr Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof.^a. Dr.^aFrancirosy Campos Barbosa
Universidade de São Paulo

Niterói

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a minha avó Dalva, por todo o seu amor e apoio.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a minha irmã Nina e ao meu cunhado Matheus por todo o apoio e amizade que deram para mim. Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e em meus objetivos. As minhas tias, Isabel e Cleia, que sempre serviram como exemplo de força e perseverança. A minha orientadora Gisele Fonseca Chagas, por toda o seu esforço e paciência, que foram fundamentais para o êxito de minha monografia e de meu trabalho de campo na Mesquita da Luz. Aos professores Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, que também me ajudou muito nos estudos sobre a religião islâmica, e Francirosy Campos Barbosa, que escreveu um excelente trabalho sobre o Ritual do Sacrifício, que me foi muito útil para entender sobre a religião islâmica. Por fim, gostaria de agradecer a todos os frequentadores da Mesquita da Luz, que se dispuseram gentilmente a me ajudar a escrever este trabalho.

RESUMO

Esta monografia é resultado de trabalho de campo etnográfico realizado na Mesquita da Luz (Mesquita al-Nur), no Rio de Janeiro, entre 2016 e 2017. O objetivo do trabalho é estudar o Hajj, a peregrinação dos muçulmanos a Meca, para além da questão do ritual e das experiências a ele associadas. Trata-se de explorar os preparativos administrativos e burocráticos que envolvem a peregrinação propriamente dita, isto é, das exigências que um muçulmano brasileiro precisa cumprir para conseguir ir a Meca.

Palavras-chaves: Islã no Brasil, Muçulmanos, Hajj, Peregrinação a Meca,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
- Delimitação de Objeto.....	3
- Justificativa da Pesquisa.....	5
- Metodologia.....	6
1. Muçulmanos no Brasil e a Mesquita da Luz	8
- Etapas do <i>Hajj</i> e a <i>umma</i>	11
- A peregrinação como um ritual de passagem.....	17
2. Preparação para o <i>Hajj</i> e as exigências sauditas	19
3. O turismo religioso na peregrinação	27
4. Considerações finais.....	34
5. Bibliografia.....	35
6. Outras referências.....	37

Introdução

O islã, como um sistema religioso universal, apresenta cinco dogmas centrais, transliterados como Cinco Pilares (*al-khams al-arkan*), que são compartilhados, em linhas gerais, entre todas as suas vertentes de interpretação, são eles: Testemunho(*shahada*)¹, é o ato de professar e aceitar o credo islâmico; Oração (*salat*), trata-se da obrigação de orar cinco vezes ao longo do dia; Caridade (*zakat*); Jejum (*sawm*), que é um jejum praticado no mês do Ramadã; e, por último, a Peregrinação a Meca (*Hajj*).

O livro sagrado Alcorão é tido como a principal fonte doutrinária dos muçulmanos ao redor do mundo e, além disso, a leitura em árabe deste livro é de grande importância, pois segundo a tradição, a revelação divina - através do anjo Gabriel- para o profeta Muhammad foi feita em língua Árabe e, por conseguinte, qualquer tradução dessa mensagem não passará com exatidão aquilo que Deus transmitiu através de seu mensageiro. Este livro é comum a todos os muçulmanos, independente de seus respectivos grupos ou sectarismos².

O *Hajj* é realizado entre o oitavo e o décimo terceiro dia do mês de *Dhu al-Hijja*, que é o último mês do calendário islâmico. O *Hajj* é parte da obrigação religiosa de homens e mulheres muçulmanos, que devem fazê-lo ao menos uma vez na vida, caso reúnam as condições necessárias para tanto. Todavia, fazer a peregrinação em outro período de tempo também é possível, só que o valor simbólico é diferente para os muçulmanos. Na *Umra*, como é chamada esta peregrinação, o tempo de duração é consideravelmente menor que a peregrinação do *Hajj*, pois são menos etapas rituais a serem cumpridas. Ao contrário do *Hajj*, a *umra* não é obrigatória.

O *Hajj* movimentava anualmente cerca de 2,5 milhões de muçulmanos de todo mundo em direção a Meca, na Arábia Saudita. Fazer o Hajj proporciona experiências religiosas de extrema importância para os peregrinos, pois é naquela região que segundo

¹ Estas transliterações do Árabe para o Português, foram retiradas do livro: Islã: Religião e Civilização. Aparecida, SP: Editora Santuário. 2010

² Sunitas e Xiitas são as duas principais divisões do Islã. Sunitas representam cerca de 85%, enquanto xiitas 15%. Há uma divisão histórica destes grupos, decorrente da divisão de poder pós-falecimento do profeta Mohammed. Alguns Estados acabaram adotando como prática oficial uma dessas interpretações, como o Irã com o Xiismo e a Arábia Saudita com o Sunismo, portanto, em alguns casos, a divisão entre interpretações apresenta territorialidades.

a tradição, diversos contatos entre Deus e o homem ocorreram. Estes, remontam aos primórdios da religião islâmica, como as orações no Monte Arafat, que foi o local onde o Profeta Adão e sua mulher Eva foram perdoados por Allah, o surgimento do poço de zamzam para salvar Agar do sofrimento e a revelação do Anjo Gabriel ao Profeta Mohammed.

A peregrinação também favorece troca de experiências interculturais e multiétnicas da *umma*, a comunidade mundial (e imaginada) dos muçulmanos. A peregrinação é obrigatória para os muçulmanos adultos, homens e mulheres, com a ressalva de que precisam dispor de meios econômicos suficiente e tenha saúde para percorrer todas as etapas da peregrinação.

A medida que o peregrino entra na cidade Meca, há um pequeno ritual de limpeza do corpo, meditação e purificação espiritual, após a purificação, o peregrino que está puro (ihram) pode prosseguir com a peregrinação. Neste momento, o indivíduo deve passar por uma série de restrições para se tornar apto para a realização dos rituais, começando com a adoção de uma vestimenta branca específica para a realização dos rituais, composta de poucos panos e sem estampas, abandono de adornos e, posteriormente, a raspagem do cabelo para os homens.

Durante este estado, o peregrino deve “manter-se puro”, não podendo cortar o cabelo ou pêlos do corpo, cortar as unhas, usar perfumes, matar animais, discussões, ou cometer adultério. Segundo meus interlocutores que frequentam a Mesquita da Luz, no Rio de Janeiro, qualquer ato impuro feito, a experiência religiosa será anulada. O *Hajj* conta com uma série de etapas a serem cumpridas, todas elas remontando passagens simbólicas protagonizadas por profetas como Abraão ou mesmo pelo profeta Mohammed.

No contexto brasileiro, por conta dos gastos elevados para cumprir este pilar da fé islâmica, são poucos os muçulmanos que puderam realizar esta peregrinação. Estes passam a ter um papel diferenciado nos grupos em que fazem parte, pois ser um *Hajj* ou uma *Hajja*, ou seja, ter realizado a peregrinação, confere a esses peregrinos um capital simbólico, por terem tido contato com o lugar considerado o mais sagrado do islã e todas as dinâmicas que o envolvem.

Neste sentido, esta monografia pretende abordar, numa perspectiva etnográfica, uma outra dimensão do *Hajj* para além da questão do ritual e das experiências a ele associadas. Trata-se de explorar as dimensões administrativas e burocráticas que “atravessam” o caminho do peregrino antes da peregrinação propriamente dita. O que um muçulmano brasileiro precisa ter/fazer para ir ao *Hajj*? Esta questão norteou a presente pesquisa, sendo realizada entre 2016 e 2017 na Mesquita al-Nur, no Rio de Janeiro.

- Delimitação de Objeto

Na literatura antropológica, as peregrinações sempre foram um dos fatores mais problematizados no tema religião, diversos autores como Van Gennep e Victor Turner analisaram as implicações do afastamento físico e simbólico decorrente da peregrinação. No caso deste trabalho, há um interesse em não me ater apenas à peregrinação, e sim observar os preparativos antes de sua realização.

Uma peregrinação, (que do latim *per agros*, isto é, *pelos campos*) é uma das mais comuns expressões públicas que uma religião pode adotar. Diferentes sistemas religiosos possuem locais considerados sagrados e, por conseguinte, sistemas de peregrinação são organizados para atender essa busca pelo contato com tais locais. No islã, isso não é diferente, o *Hajj*, além de mobilizar um grande número de pessoas, desencadeia festividades e outros rituais associados a ele.

Através da prática do *Hajj*, indivíduos dos mais diversos locais do mundo encontram-se em Meca, resultando, então, no encontro entre diferentes culturas formas de interpretar a religião, o que reforça e expressa *aumma*. Segundo o discurso nativo, mesmo que estes rituais sejam feitos nos locais de maior peso simbólico do islã, todos são aceitos para adorá-los, não havendo nenhum tipo de exclusão por parte dos grupos de maior expressividade.

Meu objeto de estudo trata de uma peregrinação de grande escala, que reúne diversas questões diferentes, como: exposição da comunidade unificada, e imaginada, do islã; o status atribuído a aqueles que a realizam; as mobilizações da Festa do Sacrifício.

Segundo o antropólogo Victor Turner³, a peregrinação se traduz a partir de um afastamento da vida social, chamado de fase *liminar*. Esta fase é marcada, segundo o autor, por uma ideia coletiva de anti-estrutura, ou seja, um local onde as estruturas sociais pré-definidas são dinâmicas e re-imaginadas. Este processo, tem a finalidade de levar o peregrino para locais de exposição aos símbolos da sua fé, que reforçam a presença dessa fé na sua vida cotidiana e na *communitas*, a partir de um título, que lhe é atribuído ao retornar de Meca.

A preparação para o *Hajj* vai além da dimensão religiosa, há diversas questões burocráticas e sociais que envolvem o deslocamento de um muçulmano de seu lugar de origem até a Arábia Saudita. Pois mesmo que a dimensão administrativa do *Hajj* seja diferente para cada país, e até mesmo para cada indivíduo, pode-se observar que algumas barreiras são comuns e inevitáveis.

Kátia Boissevain (2012) acompanhou os preparativos e as questões administrativas envolvendo a peregrinação para Meca a partir da Tunísia. Em sua etnografia, a autora observa que a primeira barreira administrativa que os tunisianos enfrentam para conseguir realizar o *Hajj* refere-se à cota de peregrinos, a qual é estipulada pela Arábia Saudita, alegando questões de segurança. Além das cotas, Boissevain apresenta outras situações que seus interlocutores também tiveram que lidar para conseguir realizar o *Hajj*, como questões de emissão de vistos, testes de aptidão física, aceitação de pré-requisitos financeiros e até eventuais problemas como falta de vacinação.

Seguindo a proposta etnográfica de Boissevain, estabeleço como objetivo do meu trabalho explorar questões burocráticas que envolvem a preparação para o *Hajj* no contexto brasileiro, estudando quais são os “caminhos burocráticos” que muçulmanos brasileiros precisam trilhar para poder realizar a peregrinação e como o período do *Hajj* é refletido no cotidiano da Mesquita a partir das celebrações, preparativos e sermões a ele associados.

³O autor se inspirou nas concepções de Arnold VannGennep para construir sua análise sobre o processo da Peregrinação (1969).

- Justificativa de Pesquisa

Meu interesse em estudar religiões surge quando eu ainda era criança, ao ganhar de presente da minha mãe, um livro sobre Mitos e Mitologias. Desde Saci até Thor, esta enciclopédia, repleta de imagens assustadoras, me despertou um enorme interesse em figuras místicas. Com o passar do tempo, a curiosidade me levou a pesquisar também sobre o que havia por trás destas figuras, foi quando me deparei com a Religião.

Ao entrar na graduação em antropologia, a primeira matéria em que me inscrevi se chamava Ritual e Simbolismo. Apesar do estranhamento (MALINOWSKI. 1976)⁴ ao me deparar com autores como Arnold Van Gennep e Victor Turner, consegui fazer um trabalho sobre o “Exame de Faixa do Tae Kwon Do como um Ritual de Passagem” e, mesmo sendo meu primeiro trabalho de graduação, lembro até hoje das pesquisas que fiz sobre o Budismo e como isso influenciava as artes marciais ao redor do mundo.

Futuramente, tive a oportunidade de cursar uma matéria chamada Antropologia da Religião, oferecida pela orientadora deste trabalho, professora Gisele Fonseca Chagas. Foi nesta matéria que tive minha primeira experiência de campo estudando religiões, me propus a fazer um trabalho sobre “O culto de Libertação” da Igreja Universal do Reino de Deus. Nessa etnografia pude experimentar o “estranhamento antropológico”, que conheci no início da faculdade ao ler Malinowski e, apesar de ter sido bastante confuso para mim, me impulsionou a seguir nas pesquisas sobre religião e com a orientação da mesma professora. Por fim, ao discutir sobre possíveis trabalhos que poderia fazer, demonstrei o interesse em participar do Núcleo de Estudos em Oriente Médio (NEOM) e fazer um trabalho sobre o Islã e muçulmanos no Rio de Janeiro. Aceitei imediatamente a sugestão de pesquisar sobre a peregrinação do *Hajj* e, movido pela curiosidade e ansiedade, iniciei em pouco tempo minha etnografia na Mesquita da Luz, localizada no bairro Tijuca/RJ.

⁴ MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Coleção Pensadores v.43

- Metodologia

Antes mesmo de começar a estudar a tradição islâmica, busquei estabelecer um primeiro contato com muçulmanos do Rio de Janeiro em uma visita que fiz à Mesquita da Luz, situada no bairro da Tijuca. Neste momento, pude presenciar uma “sensação” aguardada desde meus primeiros períodos da graduação em Antropologia, esta que foi academicamente crivada como “estranhamento” por Malinowski.

A pesquisa de campo, com método etnográfico consiste em estudarmos o outro, e ao fazermos isto, desconstruímos imaginários e opiniões pessoais. Permeado de noções estereotipadas, oriundas da mídia, observei que não tinha nenhum conhecimento sobre o que era o Islã além daquilo que era exposto pelos veículos jornalísticos. Portanto, o primeiro passo para a elaboração deste trabalho foi a desconstrução deste imaginário limitado, através do estudo histórico e antropológico da religião muçulmana e, posteriormente, o contato pessoal com seus adeptos.

A pesquisa se iniciou com a minha chegada em campo, em novembro de 2015 até o final do ano de 2016, na Mesquita da Luz. Esta mesquita está localizada no bairro da Tijuca, zona Norte do Estado do Rio de Janeiro. A administração da mesquita é feita pela Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro (SBMRJ). Esta sociedade antecede a criação da Mesquita, segundo o portal online da SBMRJ⁵, a instituição foi fundada em 1951 por um grupo de imigrantes árabes e muçulmanos que buscavam um local para realização de suas orações nas sextas feiras. A SBMRJ funcionava numa sala comercial localizada no centro da cidade até o ano de 2007, quando a Mesquita da Luz foi inaugurada.

O trabalho de campo só seria possível se houvesse uma boa inserção no contexto que objetivava compreender, pois como não sou convertido ao islã, não posso realizar a peregrinação, portanto, dependia diretamente do esforço de meus interlocutores em se disporem a relatar suas experiências. Tive a oportunidade de ser apresentado ao José⁶, muçulmano convertido que é responsável pela gestão publicitária da SBMRJ. Em primeira vista, me apresentei e apresentei meu objetivo de trabalho, o que foi bem

⁵ <http://sbmrj.org.br/>

⁶ Optei por utilizar pseudônimos para preservar a identidade de meus Interlocutores.

recebido por ele, que se dispôs a conversar comigo e me ajudar na elaboração do trabalho.

Posteriormente, nas minhas visitas à Mesquita da Luz, José me apresentou ao Líder religioso (shaykh), responsável pelos sermões que antecedem as orações obrigatórias de sexta-feira, e ao professor de língua árabe da Mesquita, chamado Lúcio. Surpreendentemente ambos se dispuseram a me ajudar, entretanto, devido aos seus trabalhos na Mesquita, eram raras as oportunidades em que podia fazer entrevistas.

Optei por um modelo de entrevistas informal, apenas com um diário de campo e uma caneta para anotar conceitos importantes do que estava sendo discutido e palavras árabes, pois não tenho o conhecimento da língua escrita do Alcorão. Este método provou ser de grande utilidade, pois mesmo que os diálogos não fossem sistematizados, puderam me esclarecer em diversas questões relativas aos preparativos do *Hajj*.

Logo, o trabalho se fez possível a partir de variadas visitas e diálogos com meus interlocutores, as visitas ocorriam geralmente nas orações de sexta-feira (*salat al-jummat*), e com mais frequência, no período de preparação para o *Hajjem* 2016, onde pude acompanhar as mobilizações dos frequentadores da Mesquita para as celebrações decorrentes da época do *Hajj*.

Para ir além do discurso nativo, através dos relatos de meus interlocutores que frequentam a Mesquita da Luz, precisava sistematizar as barreiras e exigências impostas pelo país sede da peregrinação, neste caso, a Arábia Saudita. Para tanto, busquei reunir informações nos seguintes websites: Portal Consular Saudita do Itamaraty; Embaixada Saudita; e, por fim, a empresa brasileira de Turismo Religioso que vende pacotes de viagem para o *Hajj*.

Entretanto, antes de demonstrar as questões burocráticas, tornou-se necessário expor a história da presença muçulmana no Rio de Janeiro e da Mesquita da Luz, para que assim houvesse compreensão do contexto. No capítulo seguinte, exponho as preparações e as exigências e, por último, faço uma reflexão acerca do turismo na peregrinação do *Hajj*.

Por fim, utilizarei pseudônimos para não evidenciar o nome dos meus interlocutores e da empresa de turismo que foram abordados no percorrer da minha etnografia.

1. Muçulmanos no Rio de Janeiro e a Mesquita da Luz

Segundo o antropólogo Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto⁷, a presença de muçulmanos no Brasil se dá de três maneiras distintas. O primeiro contato vem através do período colonial: chamados de mouriscos, eram indivíduos muçulmanos convertidos ao catolicismo, que apesar da perseguição jurídica e religiosa, continuaram as suas práticas de maneira discreta.

A outra origem da presença de muçulmanos remonta ao período de escravidão, em meados do século XVIII, onde havia entre os escravos africanos a presença de Africanos convertidos ao islã de diversas partes da África. Estes, formavam teias de relacionamentos étnicas e religiosas. Estes grupos, conhecidos como Malês, organizaram revoltas antiescravistas e, conseqüentemente, foram fortemente reprimidos. Com o tempo, grupos de muçulmanos se formaram para dar continuidade a prática dos rituais, só que desta vez, em segredo. Ao longo do tempo, por conta da repressão da Bahia, estes grupos se deslocaram para os estados do Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

Com o fim da escravidão, cada vez menos africanos chegam aos Brasil e, com o tempo, a falta de novos integrantes ocasiona uma gradativa diluição destes grupos. Entretanto, na mesma época em que as comunidades muçulmanas de africanos estavam em declínio, novos grupos atracavam nas costas brasileiras.

No final do século XIX, onde segundo Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, uma nova leva de imigrantes árabes chega na América e, logo, no Brasil. Vindos da Palestina, Síria e Libano. Apesar da maior parte dos árabes serem cristãos, havia uma presença considerável de muçulmanos (cerca de 15%), o que resultou nas primeiras comunidades muçulmanas do Brasil. Entre os árabes muçulmanos, havia grupos de diferentes interpretações do islã, como sunitas, xiitas, alauítas e druzos.

⁷PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Islã: Religião e Civilização. Aparecida, SP: Editora Santuário. 2010

No Brasil, em 1929, foi fundada a Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo que, por um longo tempo, abarcava muçulmanos xiitas e sunitas no mesmo espaço. No entanto, os muçulmanos sunitas se deslocaram seus rituais para o interior da Mesquita Brasil, que foi construída entre 1942 até 1960. Druzos e Alauítas não se identificam com os espaços rituais de xiitas ou sunitas, então buscaram criar suas próprias intuições, nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Já na década de 50 outras Sociedades Beneficentes foram criadas também, como a que fiz minha etnografia, Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro.

Segundo a antropóloga Gisele Fonseca Chagas⁸, a SBMRJ foi criada em 1951 para atender apenas as orações dos muçulmanos sunitas que se concentravam no Rio de Janeiro. Entretanto, somente na década de 1990, um grupo de muçulmanos de origem árabe resolveu investir na SBMRJ, com o intuito de promover a divulgação do islã na sociedade brasileira. E mesmo com um número restrito de filiados no início, alcançaria uma importância na vida destes muçulmanos a ponto de formar em torno de si uma pequena comunidade religiosa.

⁸ CHAGAS, Gisele F. "Identidades religiosas e fronteiras Étnicas: um estudo do ritual da oração na comunidade muçulmana do Rio de Janeiro 2009"



Mesquita da Luz, localizada no bairro da Tijuca/RJ.
(<http://wikimapia.org/34129072/pt/Masjid-El-Nur-Mesquita-da-Luz>)

Ainda segundo Gisele Fonseca Chagas (2006), o perfil da instituição tornou-se muito diversificado. Em grande maioria, os frequentadores são de classe média/baixa, e trabalham como profissionais liberais, comerciantes, donas de casa, estudantes universitários etc. E diferentemente de outras comunidades islâmicas do Brasil, a SBMRJ apresenta uma vasta quantidade de adeptos brasileiros convertidos e sem ascendência árabe. Em grande parte, foram trazidos à mesquita dos trabalhos de divulgação do islã, *“através da promoção de atividades beneficentes, participações em*

eventos como palestras, organização de cursos sobre temáticas que envolvam o Islã, encontros ecumênicos etc., que marcam o caráter missionário, mas não proselitista, desse grupo”. (2006, página 158)

Atualmente, a Mesquita da Luz está localizada no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro. Está sempre aberta para visitas, mas com horários marcados para as orações, de acordo com as normas religiosas do calendário islâmico.

Todas as instituições muçulmanas do Brasil buscavam ir além da promoção dos rituais muçulmanos, buscando criar espaços de socialização entre muçulmanos. Isto ocorreu com um certo sucesso na Mesquita da Luz. Em minhas visitas à instituição, pude evidenciar que entre aqueles que fazem parte daquele grupo, existe uma solidariedade constante. Diversas vezes pude ouvir o presidente da instituição pedir a todos que contribuíssem ou ajudassem a alguém do grupo que estive passando por algum tipo de necessidade.

Portanto, a Mesquita da Luz vai além de um espaço ritual, passando a agir como centros de socialização daqueles que praticam o islã. Promovendo uma força conjunta para promoção e divulgação do islã, os frequentadores da Mesquita da Luz, com orientação do Presidente da instituição, buscam a realização de eventos de caridade, como uma forma aproximação, solidariedade e desconstrução de estereótipos ao islã e aos muçulmanos.

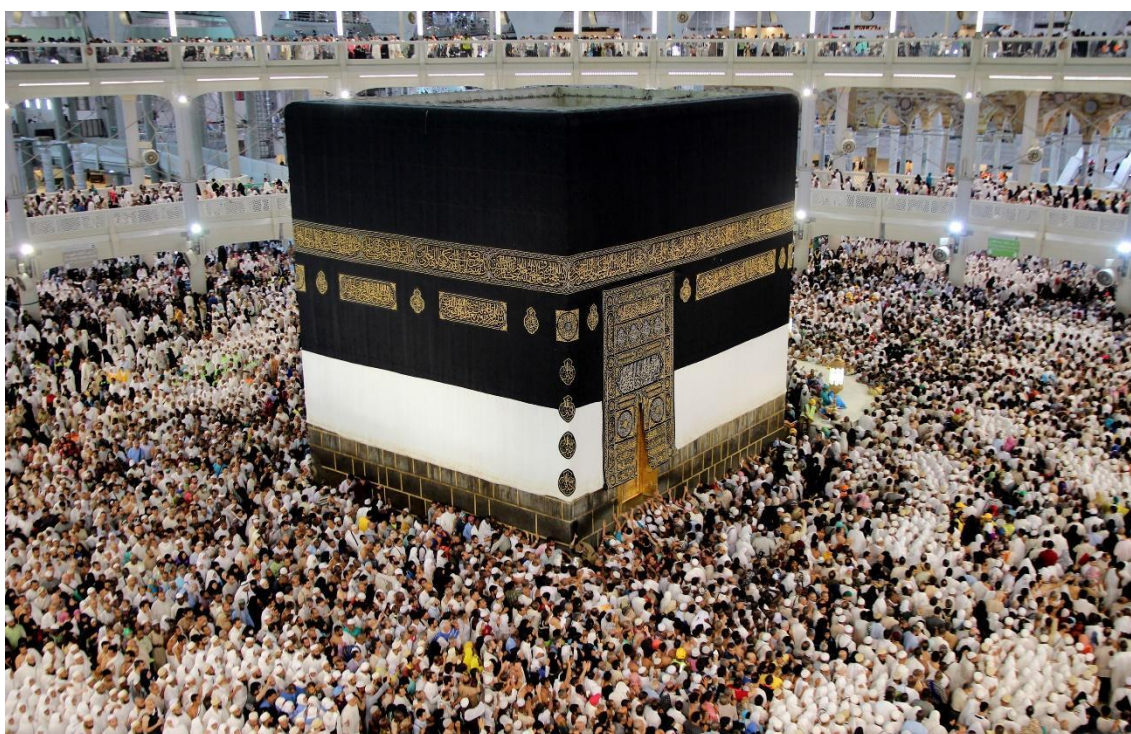
Além de acarretar diversas ações institucionais, provando-se ser um momento de diversas mobilizações para os frequentadores das mesquitas, a época do *Hajj* é marcada por celebrações simbólicas ligadas aos fundamentos da religião, interferindo diretamente na rotina e nas práticas sociais e ritualísticas dos muçulmanos ao redor do mundo. No que segue, será feito um esboço das etapas do *Hajje* as diferentes formas que, através dos rituais, a ideia de *umma* é mobilizada.

- Etapas do *Hajj* e a *umma*

Para que se entenda as implicações sociais decorrentes do *Hajj*, deve-se levar em conta que este é um ritual que conta com diversas etapas, cada uma com uma

representação simbólica e histórica diferente. Portanto, o indivíduo passa por experiências ritualísticas diferentes, mesmo que na própria peregrinação.

Ao entrar no ambiente da Grande Mesquita de Meca, o peregrino desloca-se para o entorno da mesquita, onde será realizada a primeira etapa da peregrinação, chamada de *tawaf*. *Otawaf* é o momento de maior expressão midiática da peregrinação, já que os muçulmanos, imersos em cânticos de oração, realizam sete voltas à *Kaaba*⁹, no sentido anti-horário, cada volta é chamada de *shawte*, e após o término da última volta, conclui-se o *tawaf* e o peregrino segue para o próximo ritual.



Peregrinos muçulmanos circulando a Kaaba. 2015.

(<http://www.aljazeera.com/indepth/inpictures/2015/09/Hajj-2015-pictures-150923080006325.html>)

Em seguida do *tawaf*, o peregrino realizará a “deambulação” (*sa’ee*), que reconstrói simbolicamente o sofrimento protagonizado por Agar, mulher de Abraão,

⁹ A *Kaaba* é uma construção em formato cúbico, está localizada no centro da grande mesquita de Meca e é considerado o maior símbolo do islã. Incrustada na parede externa, remonta a origem da Terra, onde segundo a tradição, Deus mandou a pedra para sinalizar onde Adão faria um altar. Posteriormente, a pedra foi entregue a Abraão como um presente de Deus.

quando procurava água para o seu filho Ismael entre os montes *Safá* (Safa) e *Meruá* (*Marwa*). Segundo a passagem do milagre, ao defrontar-se com o sofrimento da ausência de água, Agar buscou incessantemente por água e, quando Deus fez brotar água do chão através de um milagre, Agar e seu filho foram salvos. O brotar dessas águas formaram um poço, chamado atualmente de poço de *ZamZam*. Os peregrinos do *Hajj* podem parar diante deste poço e beber um pouco desta água sacralizada. A conclusão do *Sa'ee* é feita através de uma oração específica.

O pôr-do-sol é o principal marcador de início e fim de etapas do *Hajj*, no primeiro dia, ao pôr-do-sol, todos os muçulmanos dirigem-se para Mina, lá todos acampam durante a noite. Devem realizar suas orações e meditar até o término do dia.

No amanhecer do dia seguinte, os peregrinos dirigem-se para a região de Arafat, que fica a aproximadamente 20 quilômetros de Meca. Este é o local que indica o início do fim do *Hajj*. Dispostos em Arafat, os peregrinos leem o Alcorão e pedem a remissão de seus pecados mundanos. Novamente, o pôr-do-sol serve para demarcar a mudança de etapas, desta vez, todos que estavam em Arafat deslocam-se para *Muzdalifah* fazer as orações da noite e coletar pedras que serão usadas na próxima etapa e, por fim, todos recolhem-se em tendas para o passar da noite.

Antes do sol nascer, busca-se começar os preparativos para a próxima etapa. Desta vez, na cidade de Mina, os peregrinos ficarão diante de três estátuas (de divindades árabes pré-islâmicas, tidas como heréticas pelo islã, agora personificadas como Satanás). Este é o momento de utilizar as pedras recolhidas na noite anterior, do monte Arafat. As sete pedras devem ser jogadas nestes símbolos. Ao concluir-se essa etapa, ocorre o *Eid al-Adha*¹⁰, a festa do sacrifício¹¹.

¹⁰ Segundo meus interlocutores, que realizaram o Hajj e faziam parte da organização da Festa do Sacrifício na Mesquita da Luz durante meu trabalho de campo, a Festa do Sacrifício (*'Aidal-Adha*) é uma festa que simboliza o sacrifício de Abraão e reforça a importância da caridade com os mais pobres (*Zakat*)

¹¹ Este ritual foi estudado pela antropóloga Francirosy Campos Barbosa Ferreira. Em seu trabalho, “O sacrifício do carneiro islâmico como objeto transicional. 2008” a autora apresenta a forma como os muçulmanos atribuem significados ao Sacrifício (*Eid Al-Adha*). Para isto, a partir de uma análise do imaginário nativo, ela estabelece que há uma analogia entre o sacrifício do carneiro e o sacrifício do muçulmano para Deus.

A festa do sacrifício expõe a proporção que o *Hajj* vem tomando nos últimos anos¹², uma vez que também são realizados por muçulmanos de todo o mundo, seguindo os mesmos padrões dos rituais que são feitos no *Hajj*. Como argumenta o antropólogo José Mapril¹³, as celebrações da Festa do Sacrifício muitas vezes assumem dimensões transnacionais, indo além das fronteiras físicas. Como ele demonstra em seu trabalho, um grupo de bangladeshis organizaram o *qurbani* (como chamam a cerimônia do sacrifício) em Lisboa, onde eram imigrantes, ao mesmo tempo em que contribuíram financeiramente para que a cerimônia também fosse efetuada por seus familiares em Bangladesh, seu lugar de origem.

Há uma grande mobilização da Arábia Saudita em processar e beneficiar o montante de carne de milhões de animais sacrificados em poucos dias, o que envolve uma infraestrutura cada vez mais modernizada e eficiente, que vem crescendo ano após ano.

Por último, os muçulmanos retiram suas indumentárias, dirigem-se para Meca e realizam uma última *tawaf* e *sa'ee*. Ao se despedirem de Meca, recebem o título¹⁴ de *Hajjis* ou *Hajjas*. Este título é um reconhecimento simbólico atribuído ao muçulmano que esteve diante dos principais lugares da fé islâmica, isto é, que cumpriram o quinto pilar da religião.

Entre todas as etapas, as estradas são ocupadas por milhares de indivíduos, que de tão congestionada, precisa ser controlada constantemente por “guardas de trânsito” e câmeras de segurança. Nestes momentos, não há espaço para sociabilidade ou mesmo conversas, já que o espaço claustrofóbico impede até mesmo que o muçulmano pare de andar, como fui informado por meus interlocutores.

Já diante dos locais simbólicos, principalmente no Monte Arafat, que é um espaço aberto e amplo, onde muçulmanos formam pequenos grupos, onde ocorrem conversas, trocas de experiências e fotos. Segundo meus interlocutores, as pessoas

¹² A festa do sacrifício vem sendo realizada por muçulmanos de todo o mundo. Tratando-se de um momento de grande importância no calendário, as mesquitas do Brasil fazem diversos eventos de celebração, oração e caridade.

¹³ José Mapril “O lugar do sacrifício: *qurbani* e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa” Lisboa. *Análise Social*, vol. XLIV (1.º), 2009, 71-103

¹⁴ No caso dos meus interlocutores, o título de *Hajji* é subentendido aos que realizam o *Hajj*, portanto, não existe nenhum tipo de certificação física específica que comprove este título social-religioso.

reservam a vigília para orar e conhecer outros muçulmanos. Entende-se que a peregrinação do *Hajj* favorece o encontro e, de acordo com meus interlocutores muçulmanos, comunhão de povos distintos em função da mesma fé. Na tradição islâmica, este fenômeno corresponde com a ideia de *umma*.

Em meados de 2017, data em que escrevo esta monografia, o mundo islâmico presencia diversos conflitos políticos em que as diferentes correntes de interpretação do islã são mobilizadas pelas partes envolvidas, o que dá margem para criação de estereótipos a respeito da religião, evidenciado consideravelmente nos grandes veículos midiáticos. Entretanto, apesar das guerras e separações históricas, existe uma noção de comunidade unificada e pacífica no islã, que é chamada de *Umma*.

Tida como uma comunidade imaginada (ANDERSON. 2006), a *umma* é pouco evidenciada no dia-a-dia dos muçulmanos. Entretanto, durante a época do *Hajj*, sua existência é exaltada e até utilizada como exemplo de conduta pelos muçulmanos, pois segundo eles, evidencia o pacifismo e a comunhão com a religião mesmo entre grupos historicamente conflituosos.

Em minhas entrevistas com muçulmanos durante meu trabalho de campo na Mesquita da Luz, tentei diversas vezes entender como os sectarismos e grupos de muçulmanos se tencionam ou interagem durante a realização do *Hajj* e, surpreendentemente, todos aqueles que eu entrevistei buscavam passar uma imagem de que em Meca não havia qualquer espaço para tensões entre as diferentes correntes interpretativas internas ao islã.

Fora do espaço do *Hajj*, existem diversas tensões entre muçulmanos, políticas, teológicas e até geográficas. Entretanto, a peregrinação a Meca estabelece um momento imaginado de neutralidade religiosa na Arábia Saudita. Um país muçulmano, que segue uma linha teológica chamada *Wahhabismo*, e é tida como “ultra conservadora” ou “ortodoxa” mesmo entre os muçulmanos sunitas que entrevistei.

Segundo Paulo Gabriel Pinto , a prática do Sufismo¹⁵ é estritamente proibida na Arábia Saudita, pois segundo o *Wahhabismo*, os misticismos da tradição islâmica são estritamente proibidos e tidos como uma falsa interpretação do islã.(PINTO, 2010,

¹⁵ Sufismo é uma das vertentes místicas do islã.

p.135). Portanto, mesmo sendo considerado pelos meus interlocutores como um ambiente de livre expressão da fé islâmica, há limites.

Em minhas entrevistas na Mesquita da Luz, sempre tentei detectar nos discursos nativos implicações na prática islâmica do *Hajj* decorrentes de serem brasileiros, e como eles lidam com isso. Percebi que o fato de terem nascido no Brasil pouco importava, este pertencimento nacional aparecia apenas em questões logísticas, como deslocamento, residências temporárias, segurança, local e horário que vão percorrer cada trajeto. Segundo meus interlocutores, a umma superpõe a noção de identidade nacional, e se estabelece uma nova identidade coletiva-religiosa temporária, agregando todos em uma mesma “*communitas*” (TURNER, 1969)

“A Ummah está diretamente relacionada com a experiência da partilha comunitária do ser muçulmano (BARBOSA-FERREIRA, 2010,216). Esse indivíduo que quer esteja próximo ou distante de um contexto de maioria islâmica, consegue se identificar e construir uma nova forma de pensar, e, portanto, de ser e agir. Por conseguinte, as fronteiras que marcam as diferenças religiosas evocam um sentido de particularidade da fé, cuja vivência também se dá em sua aceitação na comunidade islâmica global.” (LIMA, 2015. Página 5)

Através do seu caráter coletivo, o espaço ritual do *Hajj* marca um ritual de passagem¹⁶ na vida religiosa dos muçulmanos. Busco destacar a performance coletiva deste ritual de passagem, que é o momento de comunhão. Chamada *communitas*, esta é a etapa do processo do ritual em que o indivíduo se encontra entre as estruturas sociais, descritas como uma espécie de “limbo” por Turner. Neste espaço, a estrutura social se redefine e até ordem de parentesco podem ser inválidas. Contudo, o momento de *communitas* é um momento onde os indivíduos são iguais uns aos outros, pois não há estrutura ou hierarquia social que permeia aquele espaço.

¹⁶ GENNEP, V. Arnold. Os ritos de passagem. 2011.

O que garante o fator homogeneizante da *communitas* é justamente os locais sagrados expostos no processo ritual. Durante a peregrinação, a ação que movimenta aquele grande número de indivíduos são os símbolos expostos, e mesmo que eles não sejam interpretados exatamente da mesma forma, detém uma considerável importância para todos.

Logo, a importância simbólica de Meca garante uma suspensão da estrutura social pré-definida dos muçulmanos, favorecendo a criação de uma nova identidade coletiva. Esta é associada diretamente àqueles locais e ao período de tempo em que estão lá, pois neste caso, a *communitas* formada em Meca tem território e temporalidade estritamente definida.

- A peregrinação como um Ritual de Passagem

A realização da peregrinação, segundo a ortodoxia islâmica, resulta em uma purificação do próprio indivíduo. O estado purificado é evidenciado a partir de um status, que é dado aos peregrinos ao término do *Hajj*, chamados de *Hajji* para homens e *Hajja* para mulheres, passam a pertencer uma diferente posição na estrutura social do local de onde saíram.

Na Mesquita da Luz, observei que a presença de *Hajjis* ou *Hajjas* entre seus frequentadores, me pareceu por vezes motivo de orgulho dos frequentadores daquela instituição. Há de se levar em conta a dificuldade da realização a peregrinação e, de que alguns dos frequentadores da Mesquita da Luz receberam um convite do governo saudita, o que reforçou a importância das vivências adquiridas pelos peregrinos no imaginário social local.

O antropólogo germânico Arnold Van Gennep¹⁷, que problematizou as alterações das teias de relacionamento entre indivíduos, ou seja, as mudanças da estrutura social. Van Gennep trata os rituais de passagem como um fenômeno separado por fases bem definidas, de separação e incorporação à sociedade, sendo o período entre elas chamado de período liminar.

¹⁷ Arnold Van Gennep (1873-1957), folclorista e antropólogo germânico, publicou seu livro “Les Rites de Passage” em 1909. Segundo DaMatta (2000), tradutor do livro de Van Gennep, seu pioneirismo em tratar as mudanças da estrutura como assunto primeiro e não secundário, rompeu com aspectos universais, que tratavam os ritos de passagem como fenômenos isolados

O autor ressalta a importância de se analisar o sistema social como dinâmico e compartimentado em diversos rituais sociais, que definem as divisões e hierarquias destes indivíduos. Nesse sentido, os rituais de passagem, principais agenciadores das mudanças das estruturas sociais, são muitas vezes delimitados por um limite “concreto”, como espaços físicos de interdição ou locais afastados. Sendo esses espaços, zonas onde o sagrado e o profano estariam em uma constante resignificação. Durante a permanência neste local, o indivíduo passa por um período liminar, que é o momento de metamorfose, onde há um afastamento da identidade anterior, tida como impura, e a criação de uma nova identidade.

Tendo em vista que o *Hajj* coincide, em diversos aspectos, com o momento liminar descrito por Van Gennep, entende-se que esta peregrinação também implica na resignificação da estrutura social local através do retorno dos *Hajjis* ou *Hajjas*. Portanto, a estrutura social local é diretamente afetada pelo retorno daqueles que fizeram o *Hajj*. No meu trabalho de campo, pude perceber que não há um tratamento diferente de forma explícita, entretanto, aqueles que realizaram o *Hajj* detêm o conhecimento e a vivência consigo, então nas celebrações do mês de *Dhu al Hija*, essas pessoas procuram incentivar outros muçulmanos a fazerem o *Hajj*.

Certa vez, um muçulmano vindo de uma mussala de São Paulo me disse: “*Na nossa musala também temos amigos que fizeram o Hajj. No mês de Dhual-Hija fazemos diversos encontros, onde eles mostram fotos e nos contam sobre a experiência de ter feito a peregrinação. É bem legal, recebemos até jornalistas!*” Assim sendo, entende-se que a vivência da religião adquirida no *Hajj* também é importante para a manutenção e promoção daquele centro religioso.

A peregrinação do *Hajj* detém um caráter muito importante na vida dos muçulmanos, pois além de reunir importantes símbolos sagrados, contribui com a purificação do indivíduo, que é marcada a partir de um status. Como o indivíduo retorna com um status diferente, isto interfere no meio social-religioso do local ao seu retorno. Logo, seguindo um modelo descrito por Van Gennep, a realização da peregrinação a Meca assume um caráter de rito de passagem na vida religiosa-social daqueles que conseguem realizá-la. No capítulo seguinte, abordarei o caminho burocrático que meus interlocutores tiveram que seguir para realização do *hajj*.

2. Preparação para o *Hajj* e as exigências sauditas

O primeiro passo para a realização do *Hajj* não está na chegada a Meca, e sim no primeiro contato com uma Empresa de Turismo¹⁸ ou com a Embaixada Saudita. Caso o muçulmano queira realizar sua viagem a partir de um grupo organizado por sua Mesquita, não há a necessidade do intermédio de uma Empresa, já que a própria Mesquita ocupa este papel, organizando documentos, certificados e comprovantes de aptidão física. Entretanto, no caso daqueles que queiram ir sozinhos, ou que sua respectiva Mesquita não esteja organizando grupos para o *Hajj* naquele ano¹⁹, eles devem procurar Empresas de Turismo.

Katia Boissevain²⁰, estuda os preparativos para a realização da peregrinação do *Hajj* na Tunísia. No contexto em que realizou seu trabalho, um país onde 90% da população é adepta do islamismo, as exigências burocráticas e barreiras políticas demonstram-se ocorrer em uma escala muito maior que no contexto brasileiro.

No caso de um país onde há uma população majoritariamente muçulmana, a Arábia Saudita estipula cotas rígidas para serem cumpridas. Segundo Boissevain, no ano em que realizou seu trabalho, aproximadamente 50 mil muçulmanos aplicaram o pedido de visto para realizar o *Hajj*, do total, 51% homens e 49% mulheres. Todavia, a cota de muçulmanos imposta pela Arábia Saudita é de 10 mil muçulmanos, o que torna a peregrinação viável para apenas 1 em cada 5 muçulmanos que residem na Tunísia. Portanto, a administração que controla o número de peregrinos acarreta, anualmente, em uma “decepção em massa” de boa parte de sua população muçulmana.

A partir disso, diversos conflitos decorrem deste sentimento de insatisfação da população, que se traduzem como uma desconfiança dos critérios de seleção. O Estado da Tunísia, segundo a autora, que é responsável por designar os futuros peregrinos, e seguem um protocolo que sugere, acima de tudo, uma “sorte controlada” na escolha dos

¹⁸ Segundo me foi informado, via e-mail, com uma empresa de turismo, as empresas de turismo que trabalham com a peregrinação do *Hajj* e da *Umra* devem ser autorizadas e certificadas pela Embaixada.

¹⁹ O que ocorre na maioria dos casos, já que o custo da realização do *Hajj* é alto, e dependendo da cotação do dólar, a viagem torna-se inviável para boa parte dos brasileiros

²⁰ *Etnographies of Islam*, Chapter 2 “Preparing for the Hajj in Contemporary Tunisia: Between Religious and Administrative Ritual” 2012. Katia Boissevain.

peregrinos. Entretanto, Boissevain revela que segundo o senso comum, no local onde realizou sua etnografia, acreditava-se que a aplicação para o visto saudita não poderia ser recusada mais de 7 vezes.

Esta peregrinação detém uma grande importância para os muçulmanos, que precisam ultrapassar barreiras administrativas, em cada contexto, para conseguirem concluir o último pilar do islã. Entretanto, o número de muçulmanos no Brasil detém uma escala diferente da que observamos no trabalho de Katia Boissevain, pois no contexto brasileiro, o número de muçulmanos não é expressivo o suficiente para exigir que a Arábia Saudita estipule um número máximo de peregrinos.

Em minhas entrevistas, notei que a primeira barreira encontrado pelos muçulmanos brasileiros que realizaram o *Hajj* não é propriamente um problema que envolve instâncias políticas ou administrativas, e sim um problema econômico. Algumas vezes ouvi de meus interlocutores o termo “flutuação do dólar”, já que essa questão se mostrava o primeiro dos empecilhos na hora de se ponderar se haveria ou não possibilidade de realizar a peregrinação. Assim sendo, no contexto brasileiro, para prosseguir com as exigências e preparativos para o *Hajj*, o muçulmano precisa investir uma boa quantidade de dinheiro²¹, que no caso de alguns de meus interlocutores, demandou anos para que esse montante fosse juntado.

O islã é uma religião onde a performance das orações são padronizadas, entretanto, há diversas outras atividades que seguem datas específicas e, algumas delas, alteram consideravelmente a rotina dos muçulmanos. Seguindo um calendário próprio, chamado de calendário *hegírico* - um calendário lunar composto por doze meses de 29 ou 30 dias ao longo de um ano com 354 ou 355 dias. O ano segue com 12 meses, cada um conta com atividades e significados específicos e, uma vez que o calendário islâmico é cerca de 11 dias mais curto que o calendário oficial, a realização dessas atividades acabam por circular, não havendo dia específico. A contagem do calendário começa com a *Hegira*, que é segundo a tradição histórica, marca a ida do Profeta Muhammad de Meca para Medina, no ano 622 d.C.

²¹ O preço mínimo para realizar o Hajj, em todas as possibilidades que tive contato, via Empresa de Turismo ou um grupo organizado por uma mesquita, estão em torno de U\$3,500, o equivalente a aproximadamente R\$ 11,600 na data em que escrevo esta monografia

Comumente, ouve-se falar do Ramadã nos grandes veículos de comunicação, por suas características marcantes, que mobilizam consideravelmente a vida cotidiana dos muçulmanos, é o nono mês do calendário islâmico. Neste mês, os muçulmanos concentram-se na prática descrita pelo quarto pilar do islã, o jejum ritual. O ramadã é o mês onde a prática ritual é intensificada, a frequência a Mesquita da Luz, onde eu fiz minha etnografia, foi consideravelmente maior, e diversas atividades eram realizadas após as orações. Entretanto, apesar deste mês ser muito importante para o calendário muçulmano, é no último mês do ano que começam as mobilizações para realização do *Hajj*.

O último mês do calendário islâmico (*Dhu al-Hijja*), é considerado um dos meses mais sagrados, pois marca o fim do ano. Na Mesquita da Luz, pude observar que os sermões davam grande importância para a biografia do Profeta, suas parábolas eram recitadas, e utilizadas como exemplo para adoção de atitudes como fé e caridade na rotina dos muçulmanos. Portanto, os sermões usavam como base retórica a história do profeta Muhammad para que se reafirmasse a fé para o próximo ano. Além disso, em alguns sermões, a existência da *umma* era reforçada, principalmente nas orações que contavam com visitas de muçulmanos das mussalas²² de São Paulo.

No final de novembro, início do mês de Dhu al-Hijja no calendário islâmico, tive a oportunidade de acompanhar uma das orações da sexta feira. Os sermões apontavam para a importância da presença de todos ali nas festividades, nas orações e no voluntariado de algumas atividades. Neste mês, como de costume, haveria a panfletagem de pequenos folders de divulgação da Mesquita, neles, havia impresso algumas fotos de eventos filantrópicos, orações e encontros. A panfletagem ocorria principalmente no Centro da cidade do Rio de Janeiro e no bairro da Tijuca, onde está localizada a Mesquita da Luz,

Ao final da oração, o presidente da Mesquita, a quem não tive muito acesso (estava sempre ocupado), levantou-se e dirigiu-se para todos que estavam ali. Segundo ele, havia a necessidade de mais pessoas envolvidas na preparação para a festa do sacrifício, que é realizada após o *Hajj*, na ajuda de custos ou, para os que estivessem sem recursos

²²Mussalas são locais, geralmente salas em prédios comerciais, onde muçulmanos se reúnem para realizar orações. Não são instituições grandes como Mesquitas, que realizam eventos e promovem sociabilidade, mas oferecem um lugar de um breve encontro de muçulmanos focados nas orações.

financeiros, ajudar nas arrumações e preparativos para o sacrifício. Cita-se Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto:

“Após o apedrejamento dos pilares, acontece a Festa do Sacrifício (‘Aidal-Adha), é a principal celebração do calendário islâmico. O ritual do sacrifício de um animal, que marca essa festa, tem uma vasta gama de significados: ele recria o sacrifício de Abraão; reafirma a aliança dos muçulmanos com Deus; oferece graças a Deus por sua revelação aos homens; reafirma a obrigação de caridade para com os pobres, para quem é doada à carne dos animais sacrificados; e reforça o sentido do islã como uma comunidade moral composta por indivíduos, famílias e grupos sociais unidos pela devoção a Deus. A comunidade moral criada pelo sacrifício se constrói na simultaneidade ritual que une os peregrinos e muçulmanos que celebram a festa por todo o mundo.” (2010, p.66)

Portanto, a festa do sacrifício tem grande importância para reafirmações de laços da fé e da comunidade islâmica. Pois concentra em apenas um ritual o esforço e preparação entre muçulmanos para a festividade, que também conta com um grande peso simbólico, pois dentre as obrigações desta celebração, segundo a tradição religiosa, é a doação de carne aos mais necessitados. Em minhas entrevistas, Lúcio me informou que estas são levadas já cortadas até comunidades carentes localizadas na cidade de Duque de Caxias/RJ.

No caso daqueles que queiram realizar o *Hajj*, devem procurar o líder religioso da Mesquita com antecedência, para declarar sua escolha de realizar a peregrinação naquele ano. Segundo meus interlocutores, incluindo o próprio Sheikh da Mesquita da Luz, o muçulmano deve preparar-se com bastante antecedência para os custos e as exigências sauditas, independente se ele vai através da Mesquita ou uma Empresa de Turismo. Em ambos os casos, os peregrinos devem apresentar todos os documentos e estar diante dos pré-requisitos exigidos pela Arábia Saudita. No caso daqueles que vão

através de uma Empresa de turismo, também há o levantamento dos documentos, só que eles são intermediados pelas empresas, que ajudam seus clientes na organização. Contudo, existe uma outra forma de se fazer o *Hajj* sem ser através destes dois métodos, que é via “convidados do rei”.

Em umas de minhas entrevistas com José, funcionário da Mesquita da Luz, ele relatou-me que teve a oportunidade de fazer o *Hajj* e a *Umra* e, no *Hajj*, teve o privilégio de gozar de uma “bolsa” chamada “convidados do Rei”. Esta, é oferecida pelo governo Saudita para poucos muçulmanos, e não é distribuída anualmente. A bolsa arca com todos os custos envolvidos com a viagem, e a distribuição de vistos sauditas é imediato pela Embaixada, não havendo qualquer empecilho ou dificuldade para realizar a peregrinação. Quando distribuídas, apenas poucos muçulmanos recebem, que são principalmente funcionários das Mesquitas e pessoas que realizam trabalhos de divulgação da fé islâmica (*Da'wa*) com frequência.

Segundo José, essa bolsa cobriu as despesas e garantiu uma certa comodidade durante o percurso do *Hajj*, e no final da peregrinação, eles tiveram a oportunidade de conhecer funcionários do governo saudita e viram uma apresentação publicitária da família *Saud*²³. Portanto, pode-se entender que essa bolsa é distribuída para um pequeno grupo de muçulmanos, com a intenção de divulgar a religião, o *Dawa* e a família *Saud*.

Em contrapartida, a grande maioria dos muçulmanos não recebem essa bolsa, já que sua distribuição é rara e para um número muito restrito, portanto, para a maior parte dos muçulmanos brasileiros, deve-se seguir com as exigências do Governo Saudita.

Segundo o Portal Consular do Itamaraty²⁴, onde realizei minhas primeiras pesquisas sobre as exigências burocráticas, não há nenhum tipo de visto de turista emitido pela Arábia Saudita, você só pode adentrar o território via convite de uma pessoa com residência estável, ou através de uma empresa para fins mercadológicos, como negociações ou reuniões comerciais. Os peregrinos muçulmanos devem buscar um documento específico, que se chama “Visto de *Hajj*”

²³ A família Saud, ou conhecida como “Casa de Saud”, é a família real da Arábia Saudita desde a fundação do país em 1932.

²⁴ <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/seu-destino/arabia-saudita#entrada>

Independente de qual visto o brasileiro busque, a emissão dos vistos é feita em duas etapas, primeiro o “visto de entrada”. Já na Arábia Saudita, será necessário passar por mais um processo que é a obtenção do “visto de saída”, concedido nos aeroportos e pode ser obtido pelas empresas de turismo no caso daqueles que optam por ir através delas. Este, garante que o indivíduo esteve no território Saudita cumprindo com as leis e determinações locais, sem ter cometido nenhum crime ou infração, só com a liberação deste visto que o indivíduo pode voltar para sua terra natal. Estas e as demais exigências, são amplamente divulgadas nos portais consulares da Arábia Saudita.

A busca de informações sobre as exigências foi relativamente fácil, a Arábia Saudita conta com uma plataforma consular online²⁵, onde as informações estão sempre atualizadas. Já especificidades de cada país (como vacinação contra febre amarela, no caso do Brasil) estão disponíveis no Portal Consular do Itamaraty. As exigências gerais, que são aplicadas a todos, independentemente da nação de origem são:

- 1) O requerente deve ter um passaporte com validade de pelo menos seis (6) meses e aceitável tanto para entrada na Arábia Saudita como para entrada no próximo destino; O passaporte deve ter pelo menos duas páginas de visto vazias adjacentes entre si. Cada candidato deve apresentar uma (1) fotografia de rosto, tirada de um ângulo frontal, com um fundo branco.
- 2) A impressão de um formulário via consulado ou empresa de turismo. Este, deve estar carimbado pelo consulado ou assinado pela embaixada responsável.
- 3) O *Mahram*²⁶ deve escrever suas informações completas no seu formulário, e naqueles de pedido de sua esposa e ou filhos, ou qualquer parente com quem ele está viajando. Ele também deve fornecer cópias de certidões de casamento ou de nascimento; Se estes documentos foram emitidos fora dos

²⁵ <https://www.saudiembassy.net>

²⁶ Esta categoria refere-se a todos os homens a quem uma mulher não pode casar a qualquer momento em sua vida qualquer. Em outras palavras, um homem que faça parte da família, como pai, irmão ou filho. Portanto, essa exigência é exclusiva para homens.

EUA²⁷, ele deve então fornecer cópias traduzidas e carimbadas por um escritório de tradução certificado. Segundo o portal consular saudita, todas as mulheres são obrigadas a viajar para o *Hajj* com um *Mahram*. A prova de parentesco deve ser apresentada com o formulário de candidatura. As mulheres com idade superior a 45 anos podem viajar sem um *Mahram* com um grupo organizado, mas devem enviar uma carta de não objeção de seu marido, filho ou irmão, autorizando-a a viajar para o *Hajj* com o grupo nomeado. Esta carta deve ser carimbada se houver necessidade.

- 4) O candidato deve ter em mãos passaportes de ida e volta antes da conclusão da emissão dos vistos²⁸.

- 5) O requerente deve apresentar prova de vacinação, assinada por uma instituição de saúde, para:
 - a. Meningite
 - b. ACYW135²⁹
 - c. A gripe sazonal (ou comum), que deve ser tomada duas semanas antes de aplicar para o visto.
 - d. A gripe H1N1, se uma vacina não for disponibilizada antes da temporada de *Hajj*, deve ser tomada duas semanas antes Pedido de visto.
 - e. Os bebês e crianças até 15 anos de idade devem fornecer um relatório de vacinação para o meningococo e a poliomielite.

- 6) Cada peregrino deve apresentar dois cheques pelo "UnifiedAgents Office" em Jeddah³⁰ para serviços de peregrinação. Estes cheques devem incluir

²⁷ Como os EUA são aliados da Arábia Saudita a emissão dos vistos de países ocidentais devem seguir o modelo estipulado pelos EUA. Com língua e formatação dos documentos padronizados.

²⁸ Em uma de minhas entrevistas com Lúcio, ele me disse que graças a essa exigência, deve haver muita cautela na época pré-Hajj. Pois se houver qualquer problema que o impossibilite de realizar a peregrinação, as passagens devem ser doadas para outra pessoa em pouco tempo.

²⁹ Segundo o portal online da Anvisa, a vacina meningocócica é responsável pela defesa do organismo contra quatro variações da meningite. Fonte: http://www.anvisa.gov.br/datavisa/fila_bula/frmVisualizarBula.asp?pNuTransacao=4287132015&pIdAnexo=2625605

³⁰ Jeddah ou Jidá (segundo a transliteração do Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jid%C3%A1>) é a cidade localizada na costa da Arábia Saudita, ao Oeste da cidade de Meca. Esta é a primeira cidade de

o nome e o número de passaporte do peregrino. Cada candidato deve pagar as seguintes taxas: US \$ 158.40 por serviços prestados pelas instituições sauditas e por moradia nos locais sagrados e US \$ 116,00 para serviços de transporte com ar-condicionado. As crianças com idades entre sete e quinze só devem pagar metade do montante acima mencionado. Crianças com menos de 7 anos não precisam pagar.

- 7) Para nenhum menor de idade será concedido um visto *Hajj* se não acompanhado por sua família. Os menores que viajam com um dos pais devem apresentar uma carta de autorização, em árabe ou em inglês, assinada por ambos os pais ou responsáveis legais

- 8) Se o candidato não tiver uma etnia aparentemente árabe, e se converteu ao Islã, um certificado oficial deve ser apresentado. Este, precisa seguir o modelo americano, ser assinado carimbado por um centro islâmico cadastrado pela Arábia Saudita³¹.

- 9) Esta, exigida nos últimos anos pelo consulado saudita através do portal brasileiro do Itamaraty, (exclusiva para países latino-americanos) comprovante de vacinação de Febre Amarela.

Assim sendo, podemos observar que existe uma série de exigências por parte da Arábia Saudita, que buscam garantir a segurança da peregrinação. Entretanto, tais exigências contribuem, no caso daqueles que não dispõe de um intermediário como uma

chegada dos muçulmanos à Arábia Saudita, pois é nela que se localizam os portos e os aeroportos. Além disso, é nessa cidade que estão os primeiros fiscais da peregrinação, que vão checar os vistos dos peregrinos, para a partir dali, permitirem o deslocamento para a cidade de Meca.

³¹ Existem diversos órgãos de fiscalização internacionais coordenados pela Arábia Saudita e outras instituições islâmicas. Segundo o site da Mesquita da Luz: “A SBMRJ é reconhecida pela Liga Islâmica Mundial, pelo Ministério de Awqaf e Assuntos Religiosos do Kuwait e pelo Ministério de Awqaf e Assuntos Religiosos do Qatar, sendo referenciada pelas embaixadas da Arábia Saudita, do Kuwait e dos Emirados Árabes Unidos, e também referenciada pelo Consulado Geral da República Árabe do Egito no Rio de Janeiro.

A SBMRJ é a única entidade reconhecida pela União Nacional das Entidades Islâmicas (UNI) e pelo Conselho Superior dos Teólogos e Assuntos Islâmicos do Brasil como representante da comunidade islâmica no Estado do Rio de Janeiro.

empresa de turismo, em dificultar a realização da peregrinação, conseqüentemente, “elitizando” cada vez mais a peregrinação para Meca.

3. O turismo Religioso na Peregrinação

Antes de entender as questões burocráticas do *Hajj*, deve-se primeiro entender como o *Hajj* é visto na opinião dos nativos. Nas minhas entrevistas, nunca foi-me admitido que fazer o *Hajj* poderia ser interpretado como uma viagem turística, entende-se que este ritual detém grande relevância na tradição islâmica, o que afasta inovações e interpretações não religiosas. Todavia, observei que em diversos momentos houve elogios à estrutura do local, a troca de experiência entre muçulmanos, até a própria rotina de atividades, tudo isso acompanhado de uma grande estrutura dotada de comodidades, facilitadores de deslocamento³², tecnologia de segurança³³ e luxo. Então, pode-se observar que por trás do caráter ritual do *Hajj*, existe uma gestão do espaço físico que torna aquele ambiente um local com potencial turístico.

Contudo, como sendo um pilar da fé islâmica e uma peregrinação que remonta a origem da religião, permeada pelos símbolos mais importantes da fé, qualquer perspectiva que seja diferente de uma peregrinação religiosa ao *Hajj* é vista como um desvio ou mesmo um desrespeito para aqueles com uma visão mais conservadora. Portanto, mesmo que as Empresas de Turismo e a iniciativa privada, através das redes hoteleiras, estejam presentes de forma notável em todo o *Hajj*, isso não é bem recebido por parte de alguns muçulmanos com os quais conversei durante meu trabalho de campo.

A peregrinação a Meca segue uma rota bem estabelecida pelas normas religiosas, entretanto, um de meus interlocutores, relatou-me, “*algumas pessoas só foram lá para tirar fotos*” e “*as empresas de turismo estão transformando a peregrinação em um negócio*”. Logo, mesmo que a peregrinação detenha fronteiras e regras estabelecidas

³² Os percursos entre os locais simbólicos estão com estradas, calçadas com marcadores e postos de atendimento.

³³ Segundo José, os locais simbólicos mudam consideravelmente ano-após-ano. A infraestrutura aumenta, assim como o suporte para aqueles que precisarem de qualquer tipo de ajuda. José teve a oportunidade de realizar a *Umra* e no ano seguinte o *Hajj*. Segundo ele, houveram mudanças expressivas nos locais simbólicos, que passaram a ser maiores, portanto, não havia mais aquela grande aglomeração de pessoas como havia no ano em que realizou a *Umra*.

pela religião, uma parte dos peregrinos não estão lá exclusivamente para cumprir com os dogmas da fé.

Em paralelo com a experiência religiosa, de imersão nos símbolos sagrados, as Empresas de turismo do *Hajj* se apropriaram de certos símbolos, expondo-os como atrações turísticas. Dentre estes símbolos, pode-se notar a constante presença *Kaaba* nos folders publicitários. Localizada no centro da grande mesquita de al *Masjid* Meca, é o símbolo central do islamismo no mundo. É uma construção cúbica, de cor preta com faixas douradas, em seu exterior, uma moldura de prata com uma pedra escura encravada. Chamada de Pedra Negra (*HajarelAswad*), esta pedra remonta a formação da Terra, desde quando era habitada pelo profeta Adão.

Em meu trabalho de campo, pude observar diversas fotos da *Kaaba*, de todos os ângulos possíveis em campanhas publicitárias sauditas, em banners, panfletos e propagandas de empresas de turismo sobre o *Hajj*. Portanto, conclui-se que a *Kaaba* também é o maior símbolo turístico da peregrinação.

A procura por hospedagem em Meca durante a época destinada à peregrinação torna-se bem movimentada, existe um grande contraste dos hotéis, alguns extremamente luxuosos e de famosas redes de hotéis, e há outros mais simples, que comportam vários peregrinos no mesmo quarto. Entretanto, durante o processo, tem certos dias em que as pessoas não retornam para seus hotéis, pois se submetem a ritos em que precisam ficar lá, expostos aos locais sagrados. Graças ao grande número de pessoas, os hotéis começam os preparativos meses antes da realização do *Hajj*, vendendo hospedagens e pacotes dos mais diversos valores.



Publicidade do Hotel cinco estrelas “Al MarwaRayhan Makkah” com vista para a Grande Mesquita de Meca. (<http://www.makkahevents.com/sitemap.html>)

Os números de peregrinos variam bastante conforme o ano, porém, a Arábia Saudita tem recebido uma média de cerca de 3 milhões de peregrinos nos últimos anos. As empresas de turismo oferecem pacotes mais baratos, onde cada visitante gasta uma média de 3 a 4,5 mil dólares para custear a peregrinações. Entretanto, uma pequena parcela de peregrinos dispõe de recursos para gozar dos hotéis de extremo luxo, que tem vista para Kaaba.

Os acidentes de larga escala são problemáticos para a Arábia Saudita. A própria dinastia Al Saud, que controla a Arábia Saudita, é constantemente pressionada por líderes islâmicos de outros países, principalmente o Irã. Estes líderes religiosos e políticos, como no caso do Irã, utilizam declarações públicas de repúdio à falta de administração da Arábia Saudita sempre que algum acidente acontece, desta forma, conflitos midiáticos se formam em torno dos acidentes.

Mesmo uma nação que comporta uma das maiores peregrinações do mundo, torna-se diretamente afetada pela repercussão positiva ou negativa dos eventos que ocorrem em seu território. No últimos anos, para assegurar a segurança dos peregrinos, segundo as minhas entrevistas, os primeiros passos para garantir a segurança do *Hajj* começam nas agências de turismo.

Na minha entrevista com Lucio, que já realizou a peregrinação duas vezes, ele me disse que na sua primeira vez, as utilizações de pequenos botijões de gás eram comuns nas tendas, pois as pessoas esquentavam suas comidas, poupando assim o dinheiro que seria gasto em restaurantes. Porém, na última vez em que fez o *Hajj*, antes mesmo de sair do Brasil, seu agente de viagem checkou sua mala para ver se não encontrava nenhum botijão de gás, pois após um incêndio causado por sua má utilização, passou-se a ter uma proibição do uso destes aparelhos. E como a responsabilidade do peregrino que viaja via uma empresa de turismo recai sobre a própria empresa, ela detém a obrigação de fiscalizá-lo.

A empresa em que tive contato começou seu trabalho em 2001, e desde então oferece planos adaptados ao poder aquisitivo, do básico ao luxuoso, para a realização da Umra e do *Hajj*.

No mês anterior ao mês do *Hajj* (*DhuAl-Hija*) a empresa organiza um grupo de peregrinos. Após o encerramento das inscrições, que ocorre no início do mês do *Hajj*, a fim de facilitar a peregrinação, a empresa promove diversas comissões entre os funcionários e os seus clientes, antes da realização da peregrinação. As listas dessas comissões variam conforme os anos, no ano em que realizei este trabalho, a lista divulgada pela empresa contava com sete comissões, que são:

1. *A comissão de inscrição, que trata de todos os documentos necessários para a emissão do visto pela Embaixada Saudita;*
2. *A Comissão de Cultura e Orientação, que promove aulas de teologia pelos Sheiks³⁴ que vão guiar o grupo por toda peregrinação.*
3. *O Comitê médico, que organiza os laudos médicos que comprovam que os indivíduos estão aptos, segundo as normas da Embaixada e da Empresa;*
4. *A comissão de Relações Públicas, que promove encontros e analisa eventuais observações e sugestões de peregrinos;*

³⁴ Estes Sheiks são contratados pelas empresas.

5. *Comissão de transporte, a Empresa aluga todos os transportes de ida e volta, organiza os horários das visitas e contribui para o agendamento de todas as comissões;*

6. *Comissão de Serviço Geral, responsável por organizar os peregrinos nos hotéis, além de promover as barracas no Monte Arafat para descanso.*

7. *Comissão de assuntos administrativos, que garante todos os certificados e comprovantes administrativos e fiscais de todos os peregrinos.*

Cada comissão conta com funcionários dedicados a acompanhar o andamento da peregrinação. Por último, uma cerimônia de encerramento é promovida pela Empresa, que presenteia os peregrinos e colaboradores com souvenirs e fotografias tiradas durante a peregrinação.

Além da gestão turística preparativa para o *Hajj*, os próprios locais rituais foram se tornando ambientes de contato entre peregrinos, principalmente aqueles que foram a partir de uma empresa de turismo, pois ela reúne na mesma área grupos de diversas origens e, como foi dito anteriormente, promovem comissões e reuniões entre estes grupos.

Por consequência destes encontros, de indivíduos das mais diversas nacionalidades e contextos religiosos, Meca tornou-se um local onde há uma grande troca de experiências e sociabilidade do islã. Porém, há de se levar em conta as dificuldades resultantes da realização do *Hajj*, o que afasta certos grupos, principalmente de países mais pobres onde a moeda é fraca em comparação ao dólar.

A crescente adição dessa infraestrutura, que promove o contato e a sociabilidade em Meca, o *Hajj* tornou-se uma experiência turística cada vez mais atrativa, pois além de ser um local muito importante para a fé, promove experiências sociais atrativas e interessantes para muitos indivíduos. Katia Boissevain demonstra através de uma entrevista a importância dessa experiência de sociabilidade para uma muçulmana, *Hajja S.*, uma muçulmana que reside na Tunísia e teve a oportunidade de ir à *Umra* e ao *Hajj*.

“Com suas amigas, muitas vezes fala de suas peregrinações: são momentos de grande felicidade, pontuada de

momentos de grande estresse. Liberados dos constrangimentos da vida doméstica por duas ou três semanas, durante o Hajj, as mulheres recarregam suas baterias através do relaxamento da oração e da socialização jovial e passam momentos felizes ajudando outras pessoas a preparar comida caseira com produtos trazidos discretamente da Tunísia” (BOISSEVAIN, 2000 p.25)

Em contrapartida, em algumas entrevistas que fiz, percebi que boa parte dos meus interlocutores mais velhos apresenta um descontentamento em relação à modernização da peregrinação. Segundo eles, durante o *Hajj*, muitos peregrinos fazem “selfies” com seus celulares, ou mesmo ficam conversando diante dos locais sagrados, enquanto outros disseram que alguns optaram por pagar o dobro do preço da peregrinação apenas pelo luxo do ar-condicionado. No entanto, outros interlocutores afirmaram que não viam problema em tirar fotos durante a peregrinação, para eles, era uma forma de contribuir para a divulgação da mesma, e poder guardar lembranças da experiência que viveram.

“Acreditamos ainda que essa nova modalidade de peregrinação, a que provisoriamente atribuímos o rótulo de “moderna”, parece re-vitalizar o fenômeno da peregrinação não só como experiência religiosa, de um lado, mas também como expressão cultural (turística), de outro. Por isso, torna-se importante analisar as ambiguidades e hibridismos, tensões e contradições presentes e emergentes, como campos em disputa, que trazem em seu bojo a complexidade de um fenômeno que opera padrões aparentemente contraditórios (moderno/tradicional, religioso/turístico, religioso/esportivo, ambientalista/turístico, etc.).” (CARNEIRO, Sandra, 2008 p.108)

Assim sendo, a modernização do *Hajj*, que aparentemente busca viabilizar o recebimento daquele grande número de pessoas, acabou criando um ambiente passível de outras experiências além de somente uma peregrinação religiosa.



Casal de peregrinos fazendo uma “selfie” na planície de Arafat, perto da cidade de Meca. 2015. (<http://www.aljazeera.com/indepth/inpictures/2015/09/Hajj-2015-pictures-150923080006325.html>)

Considerações Finais

Meca, na Arábia Saudita, reúne no mesmo local os símbolos mais importantes para a tradição islâmica. É para lá que se voltam os muçulmanos para realizarem o *Hajj*, o quinto pilar do islã. No mês de Dhu al-Hijja, a importância da prática da fé no cotidiano é reforçada pela exposição a estes símbolos que servirão como um impulso para o fiel muçulmano manter-se imerso na religião no próximo ano que virá.

O peregrino, de acordo com a visão de meus interlocutores, pode reunir na mesma peregrinação múltiplas experiências e objetivos, mas independentemente de como ele realiza o *Hajj*, só de viver aquele momento o indivíduo traz consigo uma carga simbólica que reforça o sentido da fé, tanto dele quanto dos seus próximos.

Esta pesquisa foi feita na intenção de me aprofundar nos estudos antropológicos sobre a religião islâmica e, conseqüentemente, ajudar na mudança do desconhecimento que o senso-comum brasileiro tem sobre a religião islâmica e suas práticas religiosas. Falar sobre a peregrinação do *Hajj* é também falar sobre aquilo que move a vida dos muçulmanos, pois há uma grande expectativa em torno dessa época, desde o início da preparação daqueles que vão até a festa do sacrifício para aqueles que ficaram.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Companhia das Letras. 2008

BOISSEVAIN, Katia. *Preparing for the Hajj in Contemporary Tunisia: Between Religious and Administrative Ritual*. In: PINTO, Paulo G. Hilu da Rocha; DUPRET, Baudouin; PIERRET, Thomas; SPELLMAN-POTS Kathryn (eds.). *Ethnographies of Islam: Ritual and Performances and Everyday Practices*; Edinburgh. Edinburgh University Press. 2012

CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago*. São Paulo. Attar, 2007

CHAGAS, Gisele Fonseca. *Conhecimento, identidade e poder na Comunidade Muçulmana Sunita do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado, PPGA/UFF, Niterói, 2006.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. “*O sacrifício do carneiro islâmico como objeto transicional*” – notas antropológicas. São Paulo. Revista Antropológica, v. 50, n.2, USP, 2007

VANN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. 2. Ed. Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis. Vozes, 2011.

GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2004.

MAPRIL, José. “*O lugar do sacrifício: qurbani e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa*” Lisboa. Análise Social, vol. XLIV (1.º), 2009.

LIMA, Vanessa Karla Mota de Souza.; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *Peregrinação (Hajj) islâmica – Diálogos Antropológicos sobre práticas nativas para compreensão da comunidade religiosa muçulmana*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFPB, 2015.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Islã: Religião e Civilização; uma abordagem antropológica*. Rio de Janeiro. Santuário, 2010.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil*. São Paulo. Revista USP, n.67, p.228-250, 2005.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas; ação simbólica na sociedade humana*. Rio de Janeiro. EdUFF, 2008.

Outras Referências

http://www.anvisa.gov.br/datavisa/fila_bula/frmVisualizarBula.asp?pNuTransacao=4287132015&pIdAnexo=2625605

<http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/seu-destino/arabia-saudita#entrada>

<https://www.saudiembassy.net>